

EXPOSIÇÃO DO MERCADO BRASILEIRO À CRISE NO GOLFO

O Brasil enfrenta risco energético com o fechamento de Ormuz? Não; porém, a somos economicamente vulneráveis: inflação, custos logísticos e dependência de fertilizantes ameaçam o agronegócio e o bolso do cidadão. Entenda os impactos da crise no Golfo sobre a resiliência nacional.

Marco Antonio de Freitas Coutinho*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

INTRODUÇÃO

O Brasil tem baixa dependência física do petróleo que passa pelo Estreito de Ormuz. A maior parte do petróleo consumido e processado no país vem da produção interna, especialmente do pré-sal, e as importações de petróleo bruto provenientes do Golfo são mínimas.

Entretanto, isso significa que não há risco imediato de desabastecimento caso o estreito permaneça fechado, já que a vulnerabilidade brasileira não está na oferta física, mas no impacto indireto sobre preços globais.

Passaremos a analisar a seguir os principais aspectos relativos à capacidade de resiliência do mercado brasileiro à crise no Golfo Pérsico.

VULNERABILIDADE ECONÔMICA E IMPACTO SOBRE COMBUSTÍVEIS

Mesmo com baixa dependência logística, o Brasil é altamente sensível ao efeito-preço, pois o petróleo é uma *commodity* global. O fechamento de Ormuz pressiona o preço internacional do Brent, que tende a subir de forma acentuada em cenários de conflito prolongado. Esse movimento encarece gasolina, diesel e gás de cozinha no mercado interno, já que os preços domésticos acompanham a paridade internacional. A alta dos combustíveis pressiona a inflação, dificulta a condução da política monetária e reduz o espaço para cortes de juros, afetando toda a economia.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PARA O GOLFO

Por outro lado, o Brasil depende das rotas que passam por Ormuz para exportar para os países do Golfo Pérsico. Em anos recentes, mais de uma centena de milhares de contêineres foram enviados para a região, com predominância de proteína animal, especialmente frango, além de madeira, papel e outros produtos industriais. Com o estreito fechado, navios brasileiros enfrentam dificuldades para acessar mercados como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Catar, Kuwait e Bahrein. O custo logístico aumenta, prazos se alongam e parte das exportações pode ser interrompida, afetando diretamente o agronegócio e setores industriais dependentes desses mercados.

FERTILIZANTES COMO PONTO CRÍTICO

A maior vulnerabilidade brasileira está nos fertilizantes. O Brasil é um dos maiores importadores do mundo e depende de insumos que, em grande parte, transitam por rotas ligadas ao Golfo. Produtos como amônia, ureia, enxofre e derivados de gás natural são fundamentais para a produção agrícola. Com o fechamento de Ormuz, os preços desses insumos sobem de forma significativa, elevando o custo de produção no campo e criando risco de repasse para os preços dos alimentos. Esse é o ponto mais sensível da resiliência brasileira, pois afeta diretamente a competitividade do agronegócio e a inflação doméstica.

EFEITOS MACROECONÔMICOS INTERNOS

O Brasil apresenta vantagens e desvantagens diante da crise. Como exportador líquido de petróleo, o país pode se beneficiar de preços mais altos, aumentando a arrecadação com *royalties* e participações especiais. A produção interna robusta também garante segurança energética. No entanto, a inflação tende a subir com o encarecimento dos combustíveis e dos fertilizantes, o que pode manter os juros elevados por mais tempo. As exportações para o Golfo enfrentam interrupções e os fretes marítimos ficam mais caros globalmente, pressionando custos de importação e exportação. Por outro lado, importações de mercados alternativos, como a Rússia, encontram-se também restritos devido à Guerra Russo-

Ucraniana.

SÍNTESE DA RESILIÊNCIA BRASILEIRA

A resiliência física pode ser considerada elevada, já que o Brasil não depende do petróleo que passa por Ormuz e não enfrenta risco de desabastecimento.

Por outro lado, a resiliência econômica pode ser considerada moderada, pois o país sofre com inflação, juros mais altos e custos logísticos.

A resiliência agrícola brasileira seria o calcanhar de Aquiles nacional. Ela pode ser considerada de baixa a moderada, devido à forte dependência de fertilizantes importados.

A resiliência comercial também seria outro calcanhar de Aquiles. Ela é baixa, já que as exportações para o Golfo são diretamente afetadas pelo fechamento das rotas.

CONCLUSÃO

O Brasil não enfrenta uma ameaça de crise energética direta, mas poderá enfrentar uma crise de preços, uma crise de fertilizantes e uma crise logística caso o Estreito de Ormuz permaneça fechado. A resiliência existe, mas é parcial e depende da duração e da intensidade do conflito no Golfo.

Publicado no Substack “[GRU! Onde a Análise Geopolítica é a Missão](#)”.

**Marco Antonio de Freitas Coutinho é coronel da reserva do Exército Brasileiro, bacharel em Ciências Militares pela AMAN, mestre em Operações Militares pela EsAO e em Ciências Militares pela ECEME. Coutinho é pós-graduado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e Mestre em Ciência Política Internacional pela Fundação Universitária Iberoamericana (Espanha). É coautor do livro “Guerra Russo-Ucraniana: O Conflito que Redesenhou a Geopolítica Mundial”. Pode ser contatado pelo e-mail: marccoutinho@hotmail.com. Acompanhe seu trabalho também pelo Substack: <https://substack.com/@marccoutinho>.*
